

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM ALUNOS MIGRANTES NA SALA DE AULA.

Daniel LEMOS CURY

(Orientadora): Profa. Dra. Maria José Coracini

1. RESUMO: Nesta pesquisa, pretendemos estudar a construção identitária do aluno(a) adolescente migrante no estado de São Paulo em sala de aula, através da análise de aulas e entrevistas com aluno(a)s de sétima e oitava séries do Ensino Fundamental.

Buscamos promover uma reflexão a respeito do ensino da Língua Materna na escola, considerando a relevância da constituição da identidade do aluno migrante em meio a um ensino que postula um sujeito totalizante e o considera como origem de seu próprio sentido, sem levar em conta a presença do(s) outro(s) como constituinte(s) de sua formação identitária.

Pretendemos, desse modo, contribuir às reflexões realizadas na área de Lingüística Aplicada pensando no ensino de português como Língua Materna, que considere a presença de alunos migrantes na sala de aula.

Palavras-chave: 1. Identidade, 2. Discurso, 3. Ensino, 4. Língua Materna

2. Introdução

Este trabalho de iniciação científica se insere no projeto da professora Maria José Coracini, intitulado “A suposta uni(ci)dade da língua: entre memória e esquecimento”, motivado pelo desejo de observar como o(a)s aluno(a)s migrantes se sentem no contexto escolar. Em minha atual graduação em Letras, o afluxo de migrantes nas escolas paulistas tem me levado a pensar na necessidade de se discutir a questão sob a ótica da relação professor-aluno(a) e aluno(a)-aluno(a), problematizando a atitude comum de fazer *tabula rasa* das diferenças em sala de aula, em prol da homogeneidade.

Lembro-me que, na sétima série do Ensino Fundamental, estudei com um carioca recém-chegado em minha cidade. Seu sotaque diferente e característico foi algo que chamou a atenção de toda a classe que passou a imitá-lo, vendo nessa atitude uma maneira de brincar com essa diferença. Na época, eu via essas brincadeiras de forma ingênua e não as associava a nenhum tipo de preconceito.

Acredito que, em um país como o Brasil, com uma variação lingüística e cultural tão grande e complexa, em que a migração é um fenômeno constante

sobretudo para o estado de São Paulo, é necessário que se problematize a presença do(a) aluno(a) migrante na sala de aula. Pensando no caráter heterogêneo do português brasileiro e nas relações de poder entre brasileiros de diferentes regiões (há, por exemplo, quem considere o dialeto paulista como uma variante “neutra” e quem desvalorize o dialeto nordestino), é relevante observar como se constrói, no contexto escolar, a identidade do(a) aluno(a) adolescente vindo de outra região do país.

Dessa forma, através da análise dos *corpora*, desejamos observar se é possível problematizar a situação do(a) aluno(a) migrante, tanto em relação à cultura quanto à língua(gem), já que não somente o seu sotaque se apresentará diferente, como seus hábitos, valores culturais e sociais.

Pressupondo que o discurso escolar é perpassado pela concepção de que a língua é homogênea e ignorando, assim, as suas diferentes variações, acreditamos que o ensino de língua portuguesa leva à valorização de uma determinada variante do português brasileiro, considerando-a a única forma correta, e assim faz com que o diferente se torne marginalizado, pois, quando se ensina língua portuguesa na escola, pouco ou nada se diz a respeito de a norma culta (ou seja, o que é ensinado) ser apenas uma das maneiras em que a língua é utilizada, levando o aluno a pensar que está aprendendo a única forma “correta”. Portanto, a presença do migrante na sala de aula provoca um questionamento quanto à unidade e homogeneidade da língua, o que nos faz questionar o lugar da diferença no ensino de português no Brasil.

O(A) aluno(a) migrante, portanto, por se ver como diferente em um meio de “iguais”, pode se sentir deslocado(a) e mostrar essas crises identitárias importantes (no sentido de que podem prejudicar) para o seu desempenho escolar. Consideramos o sujeito-aluno(a) como habitado(a) pelo(s) outro(s), por várias vozes (polifônico), atravessado pelo inconsciente e sem (total) controle sobre si. Em vista disso, a identidade é sempre inacabada e só pode ser percebida em seu discurso por meio de momentos de identificação com traços do outro (Lacan). No caso do(a) aluno(a) migrante em questão, o paulista passa a participar, de forma direta, de sua formação identitária.

O estudo da Identidade tem se intensificado nos últimos anos em virtude do momento histórico em que vivemos: com a globalização, muitos consideram que a identidade está em crise, em função da descentralização das identidades, tornando-as, assim, fragmentadas. Pensar a identidade e relacioná-la com as questões da escola e da língua é, portanto, importante para auxiliar no desenvolvimento de conhecimentos que refletirão na sociedade.

Entendendo a identidade como múltipla, flexível e variável no contexto da pós-modernidade (Hall, 1992 [2000]), podemos imaginar que o(a) aluno(a) migrante ocupa diversas posições sociais: homem/mulher, brasileiro(a), aluno(a), migrante, filho(a), amigo(a), etc. Dentre todas essas posições, não se

sabe qual delas vem em primeiro lugar, se é que alguma prevalece sobre outra, pois podemos considerar que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (Hall, 1992 [2000, p. 13]).

3. Objetivos

3.1 Objetivos gerais

Com esta pesquisa, pretendemos contribuir para a reflexão em torno da língua materna e do ensino da mesma, seja no que tange a questão do(a) aluno(a) migrante e sua identidade, seja no que tange a impossível unidade lingüística, tão decantada no meio escolar, defendendo a idéia de que não há uma língua que não se constitua de outras línguas (Derrida, 1996).

3.2 Objetivos específicos

Interessa-nos responder as seguintes perguntas de pesquisa: (1) os adolescentes migrantes de outras regiões do país para o estado de São Paulo sentem algum tipo de discriminação? (2) Com relação a quê? Ao modo de falar (sotaque, vocabulário, estrutura sintática)? Aos hábitos adquiridos no convívio social (alimentação, modo de abordar as pessoas, de se comportar em grupo...)? (3) Em caso afirmativo, quando ocorrem tais eventos? (4) Como reagem às atitudes de discriminação dos colegas? e, por fim, (5) se eles sentem algum tipo de discriminação no(a)s professore(a)s? Quando? Como?

Dessa maneira, temos como objetivos específicos observar (1) como os adolescentes migrantes brasileiros se vêem no contexto escolar no qual talvez se sintam deslocados quanto a aspectos lingüísticos e culturais, venham eles de qualquer estado; (2) como se manifestam, na materialidade lingüística de seu discurso, as suas identidades, levando em conta a mudança de região ou estado, e (3) as implicações da presença do aluno migrante no ensino da língua portuguesa.

4. Metas Semestrais

No primeiro semestre (agosto a dezembro de 2007), temos como meta a coleta do *corpus* através da gravação em áudio das aulas e entrevistas com aluno(a)s de 7ª série, a transcrição das mesmas e a análise do *corpus* coletado, juntamente com o levantamento bibliográfico. Assim, já teremos as respostas para as perguntas de pesquisa presentes em nosso objetivo: saberemos se o(a)s aluno(a)s sentem ou não qualquer discriminação, em relação ao modo de falar

ou aos hábitos, e como reagem à discriminação de colegas ou professores, caso exista. O relatório parcial será elaborado.

No segundo semestre (janeiro a julho de 2008), passaremos à 8ª série procedendo da mesma maneira: coleta das entrevistas em áudio, transcrição e análise, obtendo, assim, as respostas referentes à oitava série além de terminar o levantamento bibliográfico e iniciar a divulgação do projeto. No final do semestre, começaremos a elaboração do relatório final.

5. Métodos

O levantamento bibliográfico será feito com o objetivo de entender diversas questões para a análise do *corpus*. Serão estudadas as teorias vinculadas ao estudo da identidade (Bauman, Hall), da análise do discurso (Foucault, Pêcheux, entre outros) e da desconstrução (Derrida).

As aulas servirão de parâmetro para vislumbrarmos a presença ou ausência de momentos de discriminação oriunda de estereótipos disseminados e naturalizados em nossa região, além de mostrarem, possivelmente, a ideologia da escola e do professor, conforme se desenvolver a relação professor-aluno.

Serão analisadas seqüências de aproximadamente 3 aulas para cada série das quais selecionaremos os enunciadores-migrantes de diferentes regiões e estados do país. Inicialmente, pretendemos entrevistar, de forma aberta, se possível sob a forma de relato – ou seja, de maneira a deixar o(a) entrevistado(a) falar o máximo possível, com pouca ou nenhuma interferência do entrevistador – quatro aluno(a)s (dois da sétima e dois da oitava séries do Ensino Fundamental). Optamos por essas séries por pressupormos que o(a)s aluno(a)s se encontram numa faixa etária sensível às questões identitárias e, ao mesmo tempo, capaz de contribuir para a pesquisa, visto que aluno(a)s mais novos podem ser mais resistentes a entrevistas e o(a)s mais velhos, por serem do Ensino Médio, podem estar em um momento de preocupação com o vestibular.

É apenas analisando a materialidade lingüística dos relatos que se torna possível perceber as posições que o sujeito assume no discurso, além das configurações imaginárias que constituem a ilusão de identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMAN, Zygmunt (2000) *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Zygmunt (2004) *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CORACINI, Maria José (org.) (2003) *Identidade e Discurso*. Campinas/Chapecó: Ed. Da Unicamp/Argos

- CORACINI, Maria José (2007). *A Celebração do Outro: Arquivo, Memória e Identidade*. Campinas: Mercado de Letras.
- DERRIDA, Jacques (1996). *O monolingüismo do outro: ou a prótese de origem*. Trad.: Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.
- HALL, Stuart. (2000) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro – 4. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A.
- ORLANDI, Eni (2005). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 6ª Ed.
- PÊCHEUX, Michel & Fuchs, Catherine (1975) A propósito de uma análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In F. Gadet e T. Hak (orgs) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad.: Bethânia Mariani et alii. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel (1983) *Discurso: estrutura ou acontecimento?* Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 1990.